



O mal-estar na educação translíngue: implicações subjetivas do sujeito entre línguas

Jefferson Lhamas dos Santos

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Doutorando em Estudos da Linguagem

jefferson.lhamas@uel.br

Ana Carolina Guerreiro Piacentini

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Doutorando em Estudos da Linguagem

ana.carolina.guerreiro@uel.br

Resumo: A realidade plurilíngue e multicultural do mundo contemporâneo deixou os estudos sobre a linguagem mais intrincados. A virada multilíngue, trazida por May (2014), apontou para a necessidade de repensar as concepções mais estruturalistas e lineares de outrora. A compreensão sobre as práticas linguísticas como algo dinâmico, processual, semiótico, culturalmente híbrido e axiologicamente marcado precisou acontecer (Rocha; Megale, 2021). Com isso, a translinguagem aparece para dar conta de explicar tal imbricação. Face a isso, trazemos à tona a condição de mal-estar na Educação e no encontro do aprendiz com uma nova cultura, nova língua e com o Outro da cultura. Assim, o objetivo deste artigo é fazer um estudo teórico sobre as práticas de educação translíngues, tecendo ligações com o mal-estar advindo das relações implicadas nesses contextos. Para tal, comungamos da concepção de Mal-estar na civilização (Freud, 1930-1936) e Mal-estar na Educação (Voltolini, 2011). A contribuição está no sentido de oferecer reflexões e lançar um debate a respeito das subjetividades dos aprendizes no referido contexto, de modo que o educador possa estar mais advertido das condições da ordem do impossível, trazida por Freud (1937-1939).

Palavras-chave: Virada multilíngue; Translinguagem; Mal-estar na Educação; Subjetividades.

Introdução

A linguagem é um fenômeno complexo e pode ser abordado à luz de vários saberes. Nos dias atuais, há, cada vez mais, o reconhecimento da realidade plurilíngue e multicultural no mundo em que vivemos. A virada multilíngue (May, 2014) propiciou que se pudesse observar a necessidade de repensar as concepções que se tinha de linguagem, predominantemente estruturantes e lineares. Para isso, a translinguagem aparece para explicar

os fenômenos como algo dinâmico, processual, semiótico, culturalmente híbrido e axiologicamente marcado nas práticas de linguagem (Rocha; Megale, 2021). Com isso, evidenciamos a urgência de se reconsiderar as implicações referentes aos contextos de práticas de educação translíngue. Assim, é importante entender sobre os sujeitos envolvidos nesse laço social e educativo, os quais podem enfrentar condições em que estarão diante de uma demanda e precisarão se implicar subjetivamente, o que, por vezes, resulta em um mal-estar¹.

Os estudos de Santos (2009), Rocha e Megale (2021), Wei e Garcia (2022) e Frimm (2022) trazem perspectivas importantes sobre a translinguagem e os movimentos de ruptura paradigmáticas pós-estruturalista e a virada Trans no campo da Linguística Aplicada. Em relação aos sujeitos implicados na educação plurilíngue, traremos o conceito de sujeito da psicanálise, concepção que lançamos mão neste estudo, respaldados nas explicações de Longo (2006) e Elia (2010). Entendemos que aliar o saber psicanalítico aos estudos referentes à educação translíngue é um movimento que obedece ao caráter transdisciplinar da Linguística Aplicada, que caminha em interface com outros campos do saber. Segundo Moita Lopes (2006), as áreas de investigação mudam quando há novas maneiras de se fazer pesquisa. Para o autor, os pesquisadores constroem algo diferente quando veem o mundo por meio de um par diferente de óculos.

Diante disso, este artigo apresenta um estudo teórico sobre a abordagem translíngue, a qual está apoiada em uma filosofia que permite entender as práticas e experiências com a linguagem como de natureza complexa. Defendemos ser de suma importância lançar este debate, sob o olhar psicanalítico, a respeito do que pressupõe a orientação translíngue, já que os sujeitos envolvidos nesse processo vivenciam um mal-estar no confronto com essa nova língua e com o contexto educativo no qual estão envolvidos. Vale ressaltar que o conceito de mal-estar, aqui adotado, refere-se à sensação de descontentamento e insatisfação, resultado de demandas da sociedade sociais que estão em constante tensão com os desejos individuais (Freud, 1930-1936). Portanto, esperamos contribuir para que o educador esteja mais ciente de seu papel para lidar com este mal-estar. Tudo isso porque estará mais advertido das condições de seu estudante enquanto aprendiz de uma nova língua, cultura e que vai ao encontro de um Outro², além da impossibilidade estrutural do ato educativo, que não pressupõe inexistibilidade (Voltolini, 2011).

¹ Mal-estar já como um conceito da psicanálise, elaborado por Freud (1930-1936), criador da psicanálise.

² “Outro”, aqui grafado em maiúsculo, é usado no conceito lacaniano para designar um lugar simbólico - o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente ou, ainda, Deus, que, conforme Roudinesco e Plon (1998), determina o sujeito.

Primeiramente, discutimos o conceito de sujeito pelo viés da Psicanálise. Em seguida, trazemos à baila sobre a abordagem translíngue. Por fim, apresentamos as implicações subjetivas em uma abordagem translíngue e como elas podem gerar um mal-estar para o sujeito e para a educação, seguida pelas considerações finais.

O sujeito para a Psicanálise

Consideramos a importância de discutir, brevemente, o conceito de sujeito aqui empregado, fundamental no corpus teórico da teoria psicanalítica (Elia, 2010) sendo um conceito de Lacan, segundo nome da Psicanálise. O autor pontua que a concepção de sujeito é tida a partir de como ele se “constitui”, e não pelo campo do “nascer” ou se “desenvolver”. Além disso, para entender o modo pelo qual o sujeito se constitui, é preciso considerar o campo da linguagem, sobretudo após Lacan. Este, recorrendo à categoria de significante, subverte a associação significante/significado, no qual o primeiro tem primazia, encontrando uma teoria para o funcionamento do inconsciente.

Para Elia (2010), o ser humano entra em uma ordem social, organizando-se em torno do que se chama família nas sociedades modernas. Dessa forma, a Psicanálise pensa o sujeito do inconsciente como social em sua raiz, constituindo-se articuladamente a esse plano. Assim, sem a família ou seus substitutos sociais e jurídicos, ele não se tornará humano. Essa condição seria o conceito de desamparo fundamental, no qual Freud (1926) fala da sensação de abandono e angústia que todos podemos experimentar. Tal sensação é inerente a nós, mas pode vir fortemente na infância e afetar o modo com que um sujeito lida com suas relações na vida adulta.

A concepção lacaniana coloca o “Outro”, grafado com letra maiúscula, para se referir a esse adulto próximo e também a tudo o que encarna para o ser recém-aparecido na cena em que o mundo já é humano, social e cultural, sendo esse Outro não somente uma pessoa física. Dessa feita, o que chega a um bebê é um conjunto de marcas materiais e simbólicas (significantes) introduzidas pelo Outro materno, que farão no corpo infantil um ato de resposta que se chamará sujeito. Segundo o autor, é possível afirmar que o encontro do sujeito ainda desconstituído com o Outro não deve ser compreendido como um evento entre duas entidades que já existiam antes, pois é só no encontro mesmo que esse sujeito e o Outro passam a existir como tais. O sujeito bebê, carente desse Outro, pede por suas necessidades a alguém que utiliza a linguagem. Ele se

vê diante de dois planos: um que traz um objeto necessário e outro que faz com que alguém traga tal objeto. Isso só se dá pelo fato da linguagem.

Sobre a linguagem, aliás, esta é a condição do inconsciente ou o inconsciente é a condição da linguagem (Longo, 2006). Segundo a autora,

[...] o inconsciente vocaciona o homem para o símbolo, para a metáfora e para a grande ficção que é a linguagem, que substitui a “realidade”, criando sempre outra, adiando sempre o sentido. E é sempre da linguagem que o sujeito se vale, porque é a palavra que diz o que somos nos labirintos do logro: lapsos, deslizes, erros. É uma fugaz revelação de uma verdade sempre outra, atravessada por um discurso virtual, no qual apostamos toda a nossa existência, um jogo contínuo de perdição e salvação (Longo, 2006, p. 60).

Sublinhamos, ainda, o que Lacan trouxe em seus ensinamentos: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, pois, ao falar e desejar, este último é inseparável do pensamento inconsciente (Longo, 2006). Desse modo, destacamos que esse é o conceito de sujeito empregado neste estudo: o sujeito da psicanálise, a saber, aquele que possui um inconsciente e é constituído na/pela linguagem. Passamos, agora, a discutir sobre a abordagem translíngue.

A abordagem translíngue

No mundo contemporâneo em que vivemos, observamos a predominância de uma pluralidade de línguas que desafia o pensamento de uma língua homogênea e única (Rocha; Megale, 2021). A virada multilíngue (May, 2014) salienta essa realidade plurilíngue e multicultural, abrindo portas para novas abordagens e práticas pedagógicas que evidenciem as diferentes formas de comunicação entre os sujeitos. Uma delas é a translinguagem, que foi primeiramente cunhada por Cen Williams (1994) e tem sua origem na língua galês (*trawsieithu*). De acordo com Garcia e Wei (2014), a translinguagem era utilizada para se referir às práticas pedagógicas em que os alunos são solicitados a alternar entre línguas. Porém, difere do termo *code-switching*, uma vez que não se refere simplesmente a um

[...] vaivém entre duas línguas, mas à construção dos falantes e ao uso de práticas discursivas originais e complexas inter-relacionadas que não podem ser facilmente atribuídas a uma ou outra definição de língua tradicional, mas que compõe o repertório linguístico completo dos falantes (Garcia; Wei, 2014, p. 22, tradução nossa).³

³ “[...] not simply to shift or shuttle between two languages, but to the speakers' construction and use of original and complex interrelated discursive practices that cannot be easily assigned to one or another traditional definition of a language, but that makeup the speakers' complete language repertoire” (Garcia; Wei, 2014, p. 22).

Rocha e Megale (2021) apontam que os entendimentos a respeito de translinguagem são múltiplos e, em sua maioria, não consensuais. A translinguagem deve ser situada em meio aos movimentos de ruptura paradigmática pós-estruturalista e da virada Trans no campo da Linguística Aplicada, buscando subverter as perspectivas homogêneas, estáveis e únicas, em favor de formas mais complexas, dinâmicas, indisciplinares e preocupadas com a ruptura diante das ideologias hegemônicas. As autoras chamam a atenção para o conceito de translinguagem atrelado às práticas educativas com perspectivas críticas na sociedade contemporânea. Para elas, as línguas nomeadas exercem forças de caráter opressor e centralizador perante as variantes linguísticas, uma vez que a imposição do monolinguismo visa à manutenção do *status quo*. Assim, evidenciam que, cada vez mais, vêm surgindo pesquisas que refutam esta ideia de monolinguismo, ressignificando o que é o falante, como Siqueira (2022), que aponta para as visões do falante nativo como anacrônicas e inadequadas.

A translinguagem surge, então, como um novo olhar para a linguagem, sendo entendida “como as múltiplas práticas discursivas vivenciadas pelos falantes, com o propósito de construir sentidos, compreender e exprimir seus mundos bilíngues” (Garcia *apud* Rocha; Megale, 2021, p. 7), ou seja, a translinguagem envolve toda história, cultura e engajamento do falante com o mundo. Apoiados em García e Wei (2014), Becker (1988), Rocha e Megale (2021) lembram que esse conceito foi tido como uma prática mais dinâmica em relação aos conceitos anteriores, sendo pensada como um verbo (*languaging*) e não como substantivo, capturando o processo contínuo de produção de sentidos que está sempre em dinâmica construção conforme interagimos com o mundo utilizando a linguagem. Assim, tem-se o conceito de translinguagem, de acordo com os autores, como as múltiplas práticas discursivas que os falantes vivenciam, com a intenção de construir sentidos, entender e exprimir seus mundos bilíngues. A língua nomeada não é mais, então, tida como um conjunto fechado e autossuficiente de signos e a linguagem, nessa perspectiva translíngue, passa a ser entendida como o que fazemos ao produzir sentidos, de maneira situada, globalizada e singularizada.

A orientação translíngue, conforme Rocha e Megale (2021), apoiados em García (2020), é potencialmente desestabilizadora e, assim, transformativa, já que a noção de linguagem não é mais apenas no campo linguístico, mas sim no amálgama social que propicia ao corpo agir junto à mente, juntando ações e possibilitando que nosso existir seja singularizado na e pela prática situada de linguagem. Desse modo, a translinguagem é compreendida como uma filosofia que pode oferecer condições para entendermos práticas e experiências de linguagens de natureza complexa. Tais práticas emergem de modo espaço-temporalmente

situado e com base na pluralidade linguística, semiótica, sensorial e multimodal que marca os modos de vida e comunicação humana de maneira singular ao longo da história. Assim, pode ser entendida, também, como uma prática educativa de linguagem, que incorpora a luta pela diminuição das linhas abissais no mundo e desafiando a imposição do monolinguismo como regra. De acordo com Rocha e Megale,

[...] para Wei e García (2014), a translinguagem reflete um incessante processo de tornar-se pela linguagem, que nos leva a fazer, a ser e a sentir em meio a um conjunto complexo, multifacetado, multimodal de recursos que encontram-se situados política, sociocultural e historicamente e que dinamicamente se transformam e, assim, potencializam a criação de novas subjetividades, identidades e ideologias (Rocha; Megale, 2021, p. 12).

Seguindo os ideais de Santos (2009), vemos nitidamente uma divisão entre os hemisférios Norte e Sul Global, criando a divisão abissal no mundo. Dessa forma, a educação translíngue retoma os ideais de uma educação transformadora e emancipatória, com foco na justiça social e na criticidade.

Para ilustrar como a translinguagem acontece na prática, Wei e Garcia (2022) usam em seu texto o exemplo de dois estudantes bilíngues (Song e Julia) em Londres e Nova Iorque, e suas dificuldades e desafios no contexto escolar. O objetivo dos autores é exemplificar como esses dois estudantes são vistos e ouvidos por seus professores como bilíngues, mesmo estando inseridos em dois sistemas linguísticos “incompletos”. Esses exemplos nos mostram como a consciência do multilinguismo por parte dos professores é importante, mas que ela deve ser crítica, ou seja, devemos entender a complexidade da vida bilíngue de alunos minoritários. Os autores chamam atenção para a construção da linha abissal (Santos, 2009), muitas vezes construída pelo próprio professor em sala de aula, separando os alunos monolíngues dos bilíngues. Uma alternativa para que essa separação não aconteça é “ensinar com a lógica do outro lado da linha seria a única maneira de vermos as performances criativas, críticas e acadêmicas dos alunos em sala de aula” (Wei; Garcia, 2022, p. 8, tradução nossa)⁴, ou seja, ensinar a partir da translinguagem. De seus pontos de vista, a translinguagem não é apenas o uso da primeira língua do aluno, mas sim, uma prática linguística complexa de sujeitos bilíngues. Assim, ela é entendida como um projeto que tenta apagar a linha abissal e, para que

⁴ “Teaching with the logic from the other side of the line would be the only way for us to see the creative, critical and academic performances of students in classroom (Li, 2011)” (Wei; Garcia, 2022, p. 8).

os professores possam agir contra as ideologias raciolinguísticas⁵, eles precisam conhecer a vida do aluno bilíngue menorizado para além da linha abissal. Diante desses conceitos, é evidente que uma abordagem translíngue irá, provavelmente, desestabilizar conceitos já cristalizados, sendo um desafio aos diferentes contextos de educação. Rompendo com o pensamento autoritário, uma educação com práticas translíngues possibilita a criação de movimentos não-hegemônicos a fim de possibilitar que comunidades oprimidas, divididas pela linha abissal, tenham força e voz para se expressarem e encontrarem seu lugar no mundo, indo contra o pensamento monolíngue.

Em outras palavras, o repertório linguístico vai se tornando cada vez menos associado a uma comunidade hegemônica para ser relacionado a todo contexto de vida do falante. Doravante, permite enxergarmos para além dos limites tradicionais da linguagem, incorporando as identidades, subjetividades e trajetórias de cada comunidade de fala. Além disso, essa concepção de tornar-se pela linguagem, encontra eco na concepção psicanalítica de sujeito de linguagem da psicanálise. No tópico seguinte, abordaremos a questão do sujeito entre línguas e quais as implicações subjetivas dentro de uma abordagem translíngue e qual o mal-estar gerado nesse tipo de educação.

O sujeito entre línguas: implicações subjetivas em uma abordagem translíngue

Frimm (2022), apoiada na leitura psicanalítica de Dunker (2015), aponta que a identidade nacional é híbrida e indeterminada, constituída por muitas vozes e narrativas. Baseada em Calligaris (2017), aponta, ainda, que há uma paixão por parte do brasileiro de se conceber como colono. O imigrante europeu, ao chegar no novo país, abre mão de sua vivência cultural, entre elas a língua, para viver essa outra cultura, havendo, pois, um desejo de ser esse outro. Histórica e socialmente, isso passa a fazer parte da identidade de um povo, como, por exemplo, no discurso de cada sujeito brasileiro, falam as vozes do colonizador e do colono.

Existe, segundo Frimm (2022), então, a superioridade do estrangeiro enquanto fantasia⁶ de plenitude, constituído inconscientemente. O desejo do Outro e a exaltação do estrangeiro são latentes, também, no imaginário das escolas bilíngues de prestígio brasileiras.

⁵ De acordo com Alim (2016), trata-se de um novo campo de estudo em que se mobilizam os vários métodos de análise linguística para responder questões críticas referentes às relações entre língua, raça e poder por meio de diversos contextos e sociedades étnico-raciais.

⁶ Para Freud (1917-1920), é uma atividade mental em que se permite a satisfação de um desejo inconsciente ou inaceitável por meio de uma cena imaginária.

A própria língua do Outro pode ser o lugar em que se acredita poder encontrar prazer, o gozo⁷ que a língua materna, por várias vezes, interdita. Ancorada na psicanálise lacaniana, Frimm (2022) explica que a criança toma consciência de que é um ser separado da mãe ao reconhecer sua imagem refletida no espelho, passando a ancorar sua identidade, de maneira inconsciente, por meio de sistemas simbólicos, entre eles a linguagem. Desse modo, a língua materna barra o desejo do sujeito de retornar a ser apenas um junto à sua mãe, vindo aí o desejo da língua do outro.

No que tange à identidade, Frimm (2022) aponta uma noção que não é fixa, mas sim fragmentada, e, dessa forma, carregamos identidades contraditórias enquanto sujeitos pós-modernos. Nossas identificações são deslocadas continuamente, a depender das formas como somos representados nos sistemas culturais a que estamos submetidos. As identidades nacionais também não são inatas, mas foram formadas e transformadas no interior da representação. As “comunidades imaginadas” carregam um desejo de viver em conjunto e a perpetuação da herança, além de várias motivações políticas. Passamos, agora, a discutir sobre o mal-estar do sujeito nas práticas translíngues.

O mal-estar do sujeito no contexto de ensino translíngue

De acordo com Frimm (2022), o sistema de funcionamento de significantes, na Psicanálise, é representado por uma descontinuidade e por uma negatividade, existindo um vazio na distância entre um significante e outro. O processo de subjetivação é afetado por esse mesmo vazio e a entrada na linguagem marca a distância entre ela e o mundo, constituindo a formação inconsciente do sujeito, o qual é submetido à língua, na história. A autora lembra, porém, que a inscrição na linguagem não acontece da mesma maneira para cada sujeito. Há, na constituição da subjetividade, a reprodução de sentidos “universais” da ordem cultural e social ou o seu deslocamento, partindo da singularização da diferença. Ora, para sermos como sujeitos, portanto, somos falantes afetados pelo Outro, que, conforme a psicanálise lacaniana, é faltoso, assim como a língua pressupõe um vazio, com o signo ausente, o não-dito, o impossível de ser dito. Apesar, então, do desejo de um sujeito-falante dominar uma dita língua, isso é

⁷ Segundo Roudinesco e Plon (1998), o gozo aparece como a ação de fazer uso de um bem com o fim de tirar dele uma satisfação. Depois, emerge com fundamento hedonista, sendo, deste modo, sinônimo de prazer. Lacan (1985[1972-1973]) deu um sentido mais amplo do que apenas o puro prazer. Neste trabalho, ancorado na perspectiva lacaniana, lançamos mão do termo em um sentido de satisfação que experimentamos de modo inconsciente.

impossível no real dessa mesma língua. Coracini (2021) nos alerta sobre uma promessa de “controle” de uma língua, que seria una e coerente, transparente e universal. Conforme diz Frimm (2022), o universo da linguagem e do psiquismo é bastante complexo, pois os processos referentes às línguas afetam cada sujeito de maneira singular.

Entendemos, contudo, que, junto a essa singularidade com que a língua do Outro nos afeta, o comum disso é um mal-estar como resultado, já que o sujeito-falante quer ou deseja dominar a língua, sendo isso algo da ordem do impossível. A nova língua, que não é a primeira do aprendiz, irá convocar no sujeito que ele assuma novas posições subjetivas, o que causará rupturas e gerará um descontentamento. Revuz (1998) ensina que a língua é uma prática complexa, já que ela solicita o sujeito e seu modo de relacionar-se com o mundo, além de pôr em prática todo o aparelho fonador. Assim, segundo a autora, na língua estrangeira, o sujeito precisa colocar a serviço da expressão do eu um vai e vem que exige uma flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo (ritmos, sons e curvas entoacionais), um trabalho de análise e de memorização das estruturas linguísticas. Nas palavras de Revuz

[...] o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela tão delicado porque ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna. Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua (Revuz, 1998, p. 270).

Vale trazer à tona, também, o que Calligaris (2015) lembra sobre aprender uma língua. Para ele, trata-se de mudar de neurose⁸, fato que explica a resistência de muitos em ir ao encontro dessa outra língua. Portanto, ao ser solicitado a tudo isso, o aprendiz, no contexto translíngue, pode estar em um lugar de descontentamento e de mal-estar.

É pertinente discutirmos, aqui, o conceito de mal-estar adotado pela psicanálise e neste estudo. Freud, na obra “Mal-estar na civilização” (1930-1936), fala sobre nossa condição existencial no mundo. Para o autor, os vínculos que estabelecemos com as pessoas e o *status* de civilização geram uma sensação de descontentamento e insatisfação. A isso, ele chama de mal-estar, sendo, portanto, um resultado de demandas sociais que estão em tensão constante com os

⁸Inventado por William Cullen, o termo foi importado por Freud na psicanálise para designar uma doença nervosa cuja origem estava no conflito psíquico recalcado. Depois, evoluiu até chegar à estrutura tripartite que caracteriza o psiquismo, a saber: neurose, psicose e perversão (Roudinesco; Plon, 1998). Basicamente, pode ser entendida por sintomas que afetam o funcionamento psicológico, mas sem atingir a gravidade de uma psicose, quando há uma perda mais severa do contato com a realidade.

desejos individuais, uma vez que, ao nos tornarmos civilização, renunciamos às pulsões⁹ de cunho sexual e agressivo.

Tendo isso em vista, devemos considerar outro importante aspecto: o mal-estar na educação. Ora, se concebemos a prática translíngue como prática educativa, conforme as autoras trazidas acima, de saída, entendemos que há, aí, um mal-estar, já que, como Freud (1937-1939) apontava, trata-se de uma profissão do impossível.

Voltolini (2011), educador e psicanalista, ensina que a psicanálise, no campo da Educação, aponta para a impossibilidade de controle e de cumprir um ideal educativo, muitas vezes trazido pela Pedagogia. Vale lembrar que a teoria psicanalítica não se pretende ser uma nova vertente pedagógica, mas sim mostrar tais impossibilidades, sem deixar de destacar a importância do ato educativo, a despeito de ser algo do aforismo de Freud sobre os “órfãos impossíveis”. Nesse aforismo, o autor apresenta o ato de educar, ladeado por governar e curar, como algo do impossível. É importante dizer que a “impossibilidade” apontada por Freud não coincide com a inexequibilidade, mas sim com a condição estrutural que flagra a presença do inconsciente na cena educativa, havendo sempre uma espécie de lacuna que nunca será preenchida. Ora, aqui, o mal-estar emerge para o educador, mas também para o estudante, que coloca o mestre no lugar de uma figura de autoridade. Voltolini (2011) explica que a dupla professor-estudante é uma herança de pais-filhos, o que supõe que o estudante deverá contar com uma investidura de seu educador, análoga ao que ocorre com os pais, que, por meio de seu desejo, convidam os filhos para que estejam em conformidade com o objeto de gozo deles. Em outras palavras, o professor, que escolheu sua profissão por motivações conscientes e inconscientes, trará isso, inevitavelmente, ao seu ato educativo. Desse modo, o estudante estará diante de uma investidura de seu professor, a qual pressupõe uma demanda a ser atendida. Toda essa circunstância da relação professor-estudante tem seu papel de importância, já que esse lugar de sujeito que sabe é condição para haver uma transferência¹⁰ entre os sujeitos, sendo, assim, prerrogativa para que haja um trabalho educativo. Nas palavras de Voltolini,

[...] qualquer influência que alguém possa ter sobre outro depende de um campo que se estabelece entre ambos, unindo-os como personagens de um romance em que a dramática instalada por esse encontro, incontrolável quanto

⁹De acordo com Roudinesco e Plon (1998), o termo “pulsão” designa o ato de impulsionar. Freud empregou o termo para falar da carga energética que está na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do ser humano.

¹⁰ Apesar de entendida como um processo que acontece na relação do paciente com o psicanalista, conforme aponta Roudinesco e Plon (1998), o termo não é exclusivo do campo psicanalítico. De acordo com Zimerman (2017), está virtualmente presente em todas as inter-relações humanas. Portanto, apesar de não estarmos falando de um contexto clínico, podemos entender que na relação entre o educador e seu estudante, há uma transferência.

à sua determinação, é mais decisiva do que os esforços envidados conscientemente na condução de um trabalho (Voltoline, 2011, p. 34).

Além disso, voltando ao ponto dos descontentamentos, não nos esqueçamos da heterogeneidade que acompanha o contexto educativo, no qual a convivência humana trará elementos bastante singulares. Por isso, acreditamos que o papel do educador aqui é, pois, fundamental, já que, advertido dessas condições estruturais de educação, de seu próprio papel e também desse encontro com o Outro e com uma língua que não é a própria, ele terá mais condições de executar um trabalho que atenda a uma certa demanda, mas sem uma fantasia de controle absoluto.

Conclusão

A partir da concepção psicanalítica de sujeito, que se constitui na e pela linguagem, inserido em um contexto social, pudemos delinear sobre as implicações subjetivas inerentes a um contexto plurilíngue.

Ressignificar uma prática que leve em consideração a pluralidade que somos constituídos é um desafio importante para os pesquisadores e docentes em seus contextos de educação. Tudo isso tem o potencial de nos mover da posição confortável das concepções anteriores, fortemente lineares e estruturalistas. Porém, chegaremos ao entendimento da diversidade de vozes que nos atravessam, tendo melhores caminhos a serem traçados nos campos da pesquisa e educação. Esta é uma importante discussão na sociedade contemporânea e globalizada, pois permite a reflexão sobre os diferentes falantes da língua e como podemos e devemos valorizá-los, deixando emergir seus lugares de sujeitos. O conceito de translinguagem aqui abordado propõe dar espaço e voz aos povos que foram colonizados, valorizando as suas manifestações e saberes. Na seara da educação, essas perspectivas proporcionam contato com saberes, antes desconsiderados, permitindo uma abordagem mais crítica e advertida para o ensino. Ressalta-se a importância de abrir um novo olhar para o ensino plural, desprendendo-se de uma lógica de um único mundo possível.

Por fim, poderemos nos encontrar com um mal-estar advindo de uma angústia do não-saber e da falta de controle, da língua e de todas as outras coisas. A prática translíngue é desestabilizadora e considera uma filosofia que permite entendermos condições e práticas com linguagens que são de natureza complexa. A Psicanálise também aponta para isso e para a singularidade inerente a esse constituir-se pela linguagem. E é com a falta e o encontro com o

Outro como condição existencial que deveríamos/vamos ter que continuar. Pensando nisso, para finalizar, vale ressaltar o conceito de *Pharmakon*, trazido por Jacques Derrida (2019), a partir desse termo grego que significa remédio e veneno. Se por um lado, temos essa impossibilidade estrutural e falta, por outro, poderemos entender melhor nossa condição existencial ao tomarmos escolhas mais conscientes.

Referências

ALIM, H. Samy. Introducing Raciolinguistics: Racing Language and Languaging Race in Hyperracial Times. In: ALIM, H. Samy; RICKFORD, John R.; BALL, Arnetha F. (eds.). *Raciolinguistics: how language shapes our ideas about race*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 1-30.

BECKER, Alton L. *et al.* Language in particular: A lecture. *Linguistics in context*, v. 1735, 1988.

CALLIGARIS, Contardo. Umas Palavras 2015. Ep. 04: Contardo Calligaris. *Canal Futura*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NMnLhlILn80&t=906s>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello, Brasil! e outros ensaios: psicanálise e a estranha civilização brasileira*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

CELADA, María Teresa; ANDRADE, Antonio; GASPARINI, Pablo. Ser-estar entre-línguas-culturas: entrevista com Maria José Coracini. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 23, n. 2, p. 327-341, 2021.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo. Iluminuras, 2019.

DUNKER, C. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ELIA, Luciano da Fonseca. *O conceito de Sujeito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Vol. 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Tradução Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Cia das Letras, 2018. Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Tradução de Paulo César Lima de Souza.

FRIMM, Vania Ricarte Lucas. *A relação entre as línguas materna e estrangeira em educação bilíngue português-inglês: (des)construção de identidades e inflexões no ensino*. 2020. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16102020-155242/pt-br.php>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GARCÍA, Ofelia. Foreword: co-labor and re-performances. *Translanguaging as transformation: the collaborative construction of new linguistic realities*, 2020.

GARCIA, Ofelia; WEI, Li. *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

LACAN, Jacques. (1985[1972-1973]). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 195.

LONGO, Leila. *Linguagem e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAY, Stephen. Negotiating the multilingual turn in SLA. *The Modern Language Journal*, v. 103, p. 122-129, 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org) 2006. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 85-88456-49-4. 279p.

ROCHA, Claudia Hilsdorf; MEGALE, Antonieta Heyden. Translinguagem e seus atravessamentos: da história, dos entendimentos e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. *Delta*, v. 2, n. 39, 27 mar. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/kPFK8kgZYFKQPgZp6hbnZdp/>. Acesso em: 01 maio 2023.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. *Linguagem e Identidade*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. p. 213-230.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra, 2009, p. 23-73.

SIQUEIRA, Sávio. Por que oferecer o tapete vermelho ao inglês é um atalho para a marginalização de outras línguas e uma ameaça à educação multilíngue no Brasil. *Língua, Linguagem e vida*, p. 101-138, 2022.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Educação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WEI, Li; GARCIA, Ofelia. Not a first language but one repertoire: Translanguaging as a decolonizing project. *RELC Journal*, 2022, p. 1-12.

WILLIAMS, Cen. *Arfarniad o ddulliau dysgu ac addysgu yng nghyd-destun addysg uwchradd ddwyieithog*. Bangor University (United Kingdom), 1994.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2017.

The discontents in translanguaging education: subjective implications of the subject between languages

Abstract: The plurilingual and multicultural reality of the contemporary world has made studies on language more intricate. The multilingual turn, highlighted by May (2014), pointed to the need to rethink the more structuralist and linear conceptions of the past. The understanding of linguistic practices as something dynamic, procedural, semiotic, culturally hybrid and axiologically marked needed to happen (Rocha and Megale, 2021). With this, translanguaging appears to be able to explain such imbrication. In view of this, we bring to light the condition of the discontent in Education and in the learner's encounter with a new culture, new language and with the Other of the culture. Thus, the objective of this article is to carry out a theoretical study on translilingual education practices, making connections with the discontent arising from the relationships involved in these contexts. To this end, we share the conception of Discontent in civilization (Freud, 1930-1936) and Discontent in Education (Voltolini, 2011). The contribution is to offer reflections and launch a debate regarding the subjectivities of learners in that context, so that the educator can be more aware of the conditions of the order of the impossible, brought by Freud (1937-1939).

Keywords: Multilingual turn; Translanguaging; Discontent in Education; Subjectivities.

Recebido: 26 julho 2024

Aprovado: 10 setembro 2024